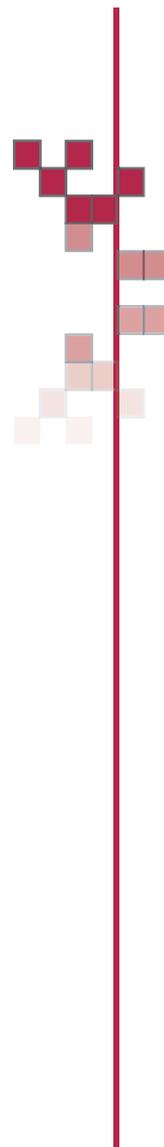


O ativismo antirracista e antiespecista do Movimento Afro Vegano nas mídias sociais

The anti-racist and anti-speciesist activism of the Afro-Vegan Movement on social media



Arthur Saldanha dos Santos¹
arthursaldanha.ufrgs@gmail.com

Isabela Sandri de Souza²
isa-sandris@hotmail.com

Paulo André Niederle³
pauloniederle@gmail.com

Resumo

O artigo discute o ativismo afrovegano nas mídias sociais a partir da análise do perfil no Instagram de atores-chave deste movimento. Entre março e julho de 2020, identificamos perfis públicos de usuários que se autodeclararam afroveganos. Em seguida, analisamos as descrições públicas, o número de seguidores, a frequência das postagens e as reações dos seguidores dos 21 perfis identificados. Na etapa seguinte focalizamos o conteúdo desses perfis com vistas a categorizar as pautas apresentadas ao público, sejam elas em forma de post, stories ou lives. Como esperado, os resultados apontam para o antiespecismo e o antirracismo como pautas principais e recorrentes nas ações do Movimento Afro Vegano. No entanto, diferentemente de estudos anteriores que sugerem uma convergência entre os significados dessas pautas, nossos resultados demonstram que o Movimento Afro Vegano diferencia as lutas antirracista e antiespecista.

Palavras-chave: *Ativismo; Mídias Sociais; Sociologia Digital; Veganismo.*

Abstract

The article discusses Afro-vegan activism in social media based on the analysis of the Instagram profile of key actors in this movement. Between March and July 2020, we identified public profiles of users who declared themselves to be afro-vegans. Then, we analyzed the description, the number of followers, the frequency of posts and the reactions of followers to the 21 profiles we had identified. After that, the analysis of the content of these profiles was developed in order to categorize the messages presented to the public, whether in the form of posts, stories or lives. As expected, the results identified anti-speciesism and anti-racism as main and recurring messages guiding the afro-vegan movement. However, contrary to previous studies suggesting a convergence of meanings, our results demonstrate that the Afro-vegan Movement highlights the differences between anti-racism and anti-speciesism.

Keywords: *Activism; Social Media; Digital Sociology; Veganism.*

¹ Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista da Capes.

² Graduanda em Zootecnia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista do CNPq.

³ Professor dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista do CNPq.

1. Introdução

Inúmeros autores destacam que, mais do que um tipo de dieta, o veganismo é um movimento social dedicado à defesa do bem-estar e dos direitos dos animais (Greenebaum, 2018; Cole e Morgan, 2011; Sordi, 2011; Pereira, 2014; Colomé, 2018; Bruers, 2015). Além disso, o ativismo dos diferentes atores e grupos deste movimento geralmente associa o antiespecismo a outras agendas, tais como a sustentabilidade e a saúde humana (Niederle e Schubert, 2020). Este artigo discute como os ativismos veganos, em particular aqueles que se organizam nas mídias sociais, associam-se às lutas antirracistas (Disconzi e Silva, 2020; Terry, 2014). De maneira mais específica, o artigo analisa os discursos produzidos pelo Movimento Afro Vegano no *Instagram*.

O ativismo vegano se disseminou e diversificou nos últimos anos, trazendo à tona diferentes questões éticas e estéticas relacionadas às práticas alimentares e vivências cotidianas. As principais discussões têm integrado o debate antiespecista com o ambientalismo, o feminismo, a homofobia e a luta antirracista. Em virtude dessas múltiplas intersecções, muitos ativistas apontam para a inadequação de uma definição singular do fenômeno. Falar em veganismos se tornou uma maneira pragmática de manejar os tensionamentos internos decorrentes da proliferação de grupos e coletivos que reivindicam diferentes concepções do veganismo (Cherry, 2006; 2014; Kennedy, 2011; Bennett, 2012; Haenfler *et al.*, 2012).

Como expressão dessa pluralidade, o Movimento Afro Vegano (MAV) surgiu no Brasil como uma alternativa que privilegia a inclusão de pessoas negras e marginalizadas. Sua formação, em 2018, foi catalisada pelo racismo praticado pelo dono de uma loja de produtos veganos a uma pessoa negra que estava consumindo no local (vide *infra*). Atualmente, o movimento agrega ativistas de diferentes estados, conciliando demonstrações públicas presenciais – principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia – e a ação nas mídias sociais. Em termos organizacionais, dois aspectos merecem destaque: o primeiro é que cinco mulheres estão à frente do movimento desde sua criação; e o segundo é que a maior parte dos ativistas possui entre 20 e 35 anos. Ou seja, trata-se de um movimento marcado pelo protagonismo de jovens mulheres negras.

Os repertórios de ação do MAV voltam-se à promoção de alternativas na obtenção de alimentos acessíveis para a população negra e periférica; à socialização de experiências ancestrais, técnicas e aprendizados em torno da preparação de pratos com alimentos saudáveis; e à necessidade de um consumo consciente, justo e sustentável. Essas alternativas compõem um conjunto

de estratégias que visam suplantar qualquer tipo de opressão animal (de humanos ou não humanos), contribuir para a sustentabilidade, promover a inclusão social e buscar a visibilidade da população negra, lutando pelo respeito dos seus costumes, tradições e ancestralidade. Além disso, elas destacam os tensionamentos decorrentes dos processos de exclusão social e as lutas por reconhecimento no universo das práticas veganas. Contrariam, portanto, as conclusões de Greenebaum (2018), que, ao apresentar os veganismos como inclusivos e democráticos, sugerem a existência de um processo passivo de “desetigmatização”.

Em face disso, esse artigo⁴ problematiza a interseção entre as pautas antiespecista e antirracista nos veganismos. Recentemente, Disconzi e Silva (2020) sugeriram a articulação dessas pautas como forma de “emancipação em conjunto” para a “superação do paradigma jurídico racional dominante”, “sem que uma demanda se sobreponha à outra”. No entanto, como demonstra esse artigo, esta concepção parece inadequada quando se trata de modo particular do MAV, para quem isso presumiria a diminuição da condição negra pelas pessoas brancas. Cabe notar que, dentre as diferentes formas de racismo, a comparação a animais sempre foi um meio de inferiorizar os(as) negros(as). Em virtude disso, o MAV defende o direito de existir dos diferentes seres, mas demarca as fronteiras entre o antirracismo e o antiespecismo.

O artigo está organizado em seis seções. Na próxima são discutidas as relações entre movimentos sociais e ativismos no ambiente digital, apresentando as características básicas que orientam essas manifestações, bem como atrelando essa discussão aos recentes estudos sobre culturas alimentares digitais. Em seguida, apresentamos a metodologia da pesquisa, a qual consiste basicamente em análise de conteúdo das mensagens comunicadas em mídias sociais. A seção subsequente apresenta a descrição do conteúdo dos discursos extraídos dos perfis analisados no *Instagram*. Partimos da caracterização do movimento nas redes sociais evidenciando, nessa seção, a estrutura e o conteúdo dos perfis analisados. A quinta seção analisa as diferenças entre o antirracismo e o antiespecismo para o Movimento Afro vegano. Finalmente, as considerações finais sumarizam as principais conclusões do estudo.

2. Movimentos sociais e ativismos em um mundo digital

No Brasil, estima-se que 30 milhões de pessoas não consomem carne e 14% da população se considera vegetariana (Ibope, 2018). Conforme apontado pela Sociedade Vegetariana

⁴ Este estudo apresenta resultados parciais da tese de doutorado do autor principal, e é fruto das reflexões desenvolvidas no projeto de pesquisa “Construção política de mercados alimentares e a produção de dispositivos institucionais e sociotécnicos nos repertórios de ação dos movimentos sociais”, financiado pelo CNPq.

⁵ É importante ressaltar que diferentes estudos têm apontado o processo de celebração em crescimento na sociedade contemporânea, configurando-se em um conceito, sobretudo nos estudos culturais que buscam articular representação social à cultura de massa (Rojek, 2008; Ortiz, 2016; França *et al.*, 2014; Santos, 2020).

Brasileira (2018), dentre os motivos para o avanço do veganismo está o aumento do número de pessoas com dietas restritivas, o aumento do número de celebridades apresentando-se como vegetarianas ou veganas, e o ativismo político dos movimentos e coletivos veganos. Ademais, cabe notar que tanto as celebridades (*influencers*) quanto os movimentos políticos têm ocupado os espaços digitais como um dos principais meios para promover práticas veganas (Fuentes e Fuentes, 2021).⁵

A representação social do veganismo nas plataformas digitais tem sido interesse, em particular, dos estudos sobre culturas alimentares digitais (Feldman e Goodman, 2021). Várias autoras têm destacado o papel das mídias digitais na mudança dos comportamentos alimentares dos sujeitos, em particular no difícil processo de transição ao vegetarianismo e veganismo (Cherry, 2006; 2014; Doyle, 2016; Boztepe e Berg, 2020; Braun e Carruthers, 2020; Lupton, 2020; Mann, 2020). Este é o caso do recente estudo de Fuentes e Fuentes (2021) sobre a relevância da materialidade na reconfiguração do consumo alimentar, no qual

[...] a mídia social foi descrita como fundamental; embora os livros de culinária tenham sido mencionados, parecia haver um consenso de que a melhor maneira de adquirir habilidades culinárias vegetarianas era aprender com outro consumidor iniciado. Esse consumidor iniciado pode ser um amigo ou um perfil de mídia social. O que essas fontes de competência oferecem eram novas receitas e apoio no preparo dos ingredientes. Isso mostra que a mudança para a culinária baseada em vegetais estava intimamente ligada à mudança das mídias em torno da comida. Aqui, a adição de novos recursos digitais teve um papel na reconfiguração da culinária (Fuentes e Fuentes, 2021, p. 12).

É sobre os "ativismos veganos no ambiente digital" que concentramos nossa atenção neste artigo. Nossas reflexões estão baseadas nos recentes estudos da sociologia digital que buscam compreender as manifestações político-culturais na internet como resultado da complexidade dos símbolos e significados fornecidos nesse tipo de interação (Baker e Walsh, 2020; Cherry, 2014; Nascimento, 2016; Lupton, 2015; 2020; Scott, 2020). Nesta perspectiva, as mídias sociais são entendidas como os espaços de interação que contribuem à formação identitária dos sujeitos e, portanto, um local promissor para a construção de significados e discursos para os ativistas veganos (Cherry, 2014; Lupton, 2020; Scott, 2020). Trata-se, por assim dizer, de um espaço de encontro das diferentes formas de viver, abordar e traduzir o veganismo. Um espaço onde as dimensões da vida cotidiana dos indivíduos (alimentação, vestimenta, formas de produção e consumo, dentre outras) são transpostas para a realidade *online*, atendendo a um processo de interação mútua entre o íntimo e o público.

A delimitação entre a construção da vida "real" e o resultado do processo "*online*" já não é uma questão para muitas sociedades (Castells, 2002; Garret, 2006). Essas fronteiras se tornaram mais fluidas e, por conta disso, novas formas de estudar "o social" têm sido demandadas (Skageby, 2015). A proximidade digital criada pelas mídias sociais funciona como mecanismo de apoio mútuo e segurança ontológica aos indivíduos, conferindo a confiança que muitos necessitam para aderir a novos estilos de vida. No que tange à alimentação, as mídias sociais funcionam como espaços de solidariedade, orientação e alicerce para indivíduos que, por exemplo, buscam dietas estranhas, criticadas ou mesmo proibidas pelas suas "comunidades reais" (Scott, 2020; Lupton, 2020).

A internet possibilitou que as realidades vividas pelos sujeitos pudessem ser incorporadas em seu cotidiano *online* como um processo de socialização e interação, proporcionando, entre tantas experiências, as trocas simbólicas das formas de sociabilidade dos mundos *offline* e *online* (Lévy, 1999; Castells, 2002; 2013; Cardoso, 2007; Rainie e Wellmann, 2012; Scott, 2020; Lupton, 2020). Deste modo, o uso da internet passou a ser estratégico para os ativismos, configurando-se em uma ferramenta de mobilização, engajamento e difusão de ações em realidades jamais imaginadas (Garrett, 2006).

A noção de ativismo digital é desenvolvida a partir das relações dos movimentos sociais com a internet, cujas plataformas digitais são percebidas como espaços de mediação tecnológica (Alcântara, 2016). Cada vez mais a análise do ativismo digital vem transformando-se em uma ferramenta indispensável na compreensão das maneiras pelas quais os movimentos sociais colaboram, manifestam e comunicam suas ações (Garrett, 2006; Bennett e Segerberg, 2012; Rainie e Wellmann, 2012; Gerbaudo e Treré, 2015).

A internet remodelou não apenas as formas de sociabilidade, mas também os ativismos políticos (Rainie e Wellmann, 2012; Tarrow, 2005; Earl *et al.*, 2010; Bennett e Segerberg, 2012; Ruskowski, 2018). Mídias sociais como o *Instagram* se tornaram arenas públicas complexas, onde os movimentos sociais apresentam suas reivindicações e, mais do isso, manejam inúmeras estratégias para promover o engajamento de novos membros (Boyd, 2010). No repertório de ação desses movimentos sociais estão não apenas a contestação pública, mas a troca de experiências que contribuem para o delineamento identitário dos indivíduos. No caso de movimentos alimentares como o veganismo, isso inclui frequentemente a criação do que Mann (2020) chama de "paisagens participativas de alimentos", nas quais exemplos de reconfiguração de práticas alimentares como cozinhar e comer se tornam o centro do discurso político.

No entanto, é necessário destacar que os ativismos digitais não ocorrem de maneiras inclusiva e democrática na in-

⁵ Este artigo entende a noção de racismo algorítmico a partir dos processos de exclusão social de pessoas negras na internet, podendo ser compreendido ainda como a invisibilização do conteúdo digital de uma pessoa não branca por parte das funções computacionais. E neste caso, promovendo a inferiorização dessa pessoa em um sistema de hierarquização social, cujo perfil de uma pessoa branca tende a se sobressair nas plataformas digitais.

internet, tampouco agrega as pessoas sem distinção ou torna os espaços digitais um palco das igualdades. A noção de racismo algorítmico⁶ tem sido justamente utilizada para destacar o caráter problemático das interfaces e dos sistemas automatizados possibilitados pela internet. Como vários estudos revelam, esse fenômeno está na base da invisibilização de práticas racistas que se amparam, por exemplo, na disseminação do discurso de ódio, e contribuem de maneira decisiva para o privilégio das pessoas brancas sobre as pessoas negras nesses espaços (Arango, 2013; Noble, 2018; Araújo e Júnior, 2020; Silva, 2020; Roshani, 2020; Trindade, 2018; 2020).

O ativismo digital da militância negra entra em cena como uma tentativa de romper com esses processos de desigualdade social. A internet é compreendida como extensão da vida cotidiana das pessoas e, portanto, local do conflito, das divergências, do racismo, mas também do compartilhamento positivo de experiências de vida, conhecimento e valores pessoais (Kolko *et al.*, 2000; Nakamura, 2010; Daniels, 2009; 2013). Estudos têm apontado que nos últimos anos as juventudes negras têm ressignificado, problematizado e potencializado as formas de ativismo nas mídias digitais, assumindo o perfil antirracista nas suas ações. Nesse sentido, Guerreiro (2016) e Roshani (2020) entendem que esses indivíduos têm utilizado sua herança cultural e identidades a favor da reconfiguração do debate público de cidadania, estabelecendo novas diretrizes para o ativismo digital, construindo agendas e discussões sobre os processos de inclusão social. Além disso, a juventude negra também tem recriado na internet os seus próprios entendimentos ideológicos e de repertórios culturais relacionados à sua história de vida (Guerreiro, 2016).

3. O método: análise do discurso digital

Embora apresente algumas limitações, como a dificuldade em transcender a dimensão textual escrita para o universo de possibilidades que as mídias sociais proporcionam, a análise do discurso digital tem possibilitado acessar novas dimensões do mundo social que se expressam no universo online (Charaudeau, 2006; Dias, 2018; Paveau, 2021). É isso que defendem Lupton e Feldman (2020) ao apresentarem diferentes possibilidades para a análise de culturas alimentares digitais. Destaca-se também o estudo de Scott (2020) sobre veganismo e mídias sociais, no qual as interações estabelecidas nas mídias sociais revelam novos significados para as dimensões *saúde* e *veganismo* produzidos pelas interações entre os usuários.

A análise do discurso digital permite ampliar os entendimentos sobre aquilo que é socializado nas plataformas de mídias sociais (Paveau, 2021). Ela possibilita o dimensionamento dos significados apresentados no ambiente *online*, bem como a delimitação de suas implicações sociais e culturais (Recuber, 2017; Skageby, 2015; Scott, 2020). Mais do que um jogo de espaços e vivências, os discursos, sejam eles digitais ou não, em formato de textos, imagens ou vídeos, dizem muito sobre as identidades dos atores sociais en-

volvidos. Portanto, para além do dimensionamento dos significados apresentados nas interações discursivas nas mídias sociais, interpretar o discurso *online* é dar significado às práticas sociais na realidade digital e transpor esse significado para a realidade vivida dos usuários (Hine, 2015; Skageby, 2015; Leitão e Gomes, 2017; Miller, 2011; 2016; Miskolci, 2016; Miskolci e Balieiro, 2018).

Com o intuito de compreender as práticas discursivas do afroveganismo, a pesquisa analisou perfis do *Instagram* de usuários ativistas desse movimento. A observação participante foi empregada como estratégia de captação, imersão e coleta de dados digitais, já que nessa estratégia o fluxo da circulação de mensagens é mais claro e condizente com a política de funcionamento da própria plataforma em análise (Leitão e Gomes, 2017). Inicialmente, foram filtrados os perfis categorizados como afroveganos na sua apresentação pública. Como nem todos eram de usuários vinculados ao MAV, em seguida foi estabelecido contato via *direct* da rede social com a administração da página do MAV, a fim de apresentar o estudo e solicitar indicações sobre aqueles perfis que eram vinculados ao movimento. Ao final foram identificados 21 perfis.

Foram acionados, então, os recursos da etnografia digital (Miller e Don, 2000; Borges, 2013; Hine, 2015; Leitão e Gomes, 2017) com vistas a apreender os comportamentos dos sujeitos, emoções, interações, símbolos e significados das ações sociais na internet. Finalmente, por meio da análise do discurso digital (Fairclough, 2003; Charaudeau, 2006; Dias, 2018; Paveau, 2021) buscou-se compreender os ativismos digitais dos integrantes do MAV. A análise dos dados se deu a partir da descrição pública, do número de seguidores, das pautas apresentadas (a partir da descrição do perfil e conteúdo divulgado) e, principalmente, do conteúdo divulgado nos *posts* e *stories* entre os meses de março e julho de 2020. O *corpus* documental abarcou, portanto, textos, vídeos, fotos, perguntas e respostas nos *stories* desses perfis. Finalmente, com vistas a identificar as temáticas mais frequentes, as postagens dos ativistas foram codificadas em *clusters* a partir de assuntos gerais e específicos. Foram identificadas 14 temáticas em um universo de 6.870 publicações analisadas.

4. Os afroveganos e seus ativismos no *Instagram*

A primeira postagem do Movimento Afro Vegano no *Instagram* foi realizada em outubro de 2018 (Figura 1). A postagem apresenta o logotipo do movimento e explica a motivação para a sua origem que, conforme consta, envolve o ato racista de um ativista vegano branco (comerciante) contra um ativista vegano negro (consumidor). Para o MAV, esse acontecimento trouxe à tona um novo entendimento sobre a formação do veganismo enquanto um fenômeno elitista e direcionado, majoritariamente, a pessoas brancas com alto poder aquisitivo. Em virtude disso, o movimento constituiu-se como uma alternativa dentro do próprio veganismo, promovendo leituras, aprendizados e experiências alimentares para todas as pessoas, em especial às pessoas negras.



Figura 1: Logotipo do perfil MAV no *Instagram*.
 Figure 1: MAV profile logo on Instagram.
 Fonte: *Instagram*. Source: Instagram.



Figura 2: Post com a representação do MAV.
 Figure 2: Post with the MAV representation.
 Fonte: *Instagram*. Source: Instagram.

Em julho de 2020, o MAV registrava cerca de 80 ativistas, sendo que a quase totalidade era de pessoas jovens com idades entre 20 e 34 anos. Essa juventude era liderada por cinco mulheres, as quais respondem pela direção do movimento (Figura 2). Apesar de recente e relativamente pequeno em comparação a outras organizações e coletivos no Brasil, o MAV tem se ampliado pelo país. Atualmente, ele é representado em, pelo menos, seis estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul. Essa expansão tem sido facilitada pela sua configuração de "movimento-rede", cujas ações e engajamentos são executados principalmente por meio das mídias sociais.

Os encontros presenciais são realizados em São Paulo e Rio de Janeiro, mas também existem ações locais em outros estados. A expansão e as diretrizes políticas têm sido as principais pautas debatidas, haja vista que o engajamento de novos membros traz tensões com relação ao "enquadramento interpretativo" que delimita as fronteiras desse movimento (Pereira e Kunrath, 2017). A utilização das mídias sociais está no centro dessas tensões. Ao mesmo tempo em que a internet dá visibilidade a novas formas de ação política individualizada, ela favorece tam-

bém a dispersão das lutas, demandando um trabalho incessante dos movimentos sociais na consolidação das suas identidades específicas como estratégia de diferenciação (Ruskowski, 2018).

A título de exemplo, a expansão do Movimento Afro Vegano tem repercutido episódios recentes da luta antirracista no mundo. O número de seguidores do perfil do MAV no *Instagram* saltou de 15,8k em março de 2020 para 20k em junho do mesmo ano. Esse período foi marcado pela intensa discussão internacional sobre os episódios de racismo que aconteceram nos Estados Unidos, especificamente a morte de George Floyd por policiais brancos, implicando em manifestações espalhadas pelo mundo contrárias a todo tipo de opressão e exclusão social da população negra. No interior dos veganismos, esse acontecimento reposicionou e fortaleceu o MAV enquanto um movimento dedicado à luta antirracista. Nos *stories* das suas lideranças, observou-se a proliferação de referências de ativistas do movimento antirracista, sugerindo uma aparente confluência entre as agendas. Essa estratégia, que se intensificou nos meses de junho e julho de 2020, fez vir à tona a discussão sobre qual era afinal o foco principal das discussões do movimento, o veganismo ou a luta antirracista⁷.

⁷ Considerando o período da pandemia da Covid-19, as ações coletivas e humanitárias também foram abordadas com frequência pelos perfis analisados, estimulando a dissipação de ações centradas na ajuda mútua. As estratégias contam com doações, indicações de perfis com serviços *delivery* de alimentação vegana e orientações sobre a produção de alimentos saudáveis em casa. Tais temas se juntaram às críticas que o MAV recebeu por ampliar suas pautas e ações na internet.

As publicações envolvendo as práticas das religiões de matriz africana pelos afroveganos também têm acalorado debates dentro do MAV e com ativistas de outros movimentos veganos. Essa tensão recai na crítica sobre as mortes de animais em sacrifícios religiosos. Embora seja contra o sacrifício de animais em quaisquer circunstâncias, o MAV defende a transição gradual e respeitosa de práticas que envolvem o abate animal associado a costumes culturais e religiosos. Nesse sentido, argumenta que a simples condenação dessas práticas, desconsiderando as raízes sócio-históricas das religiões de matriz africana, serve mais para sustentar a reprodução de práticas racistas do que para estabelecer um efetivo diálogo intercultural.

Com relação aos assuntos abordados pelos integrantes do MAV no *Instagram*, os resultados indicam que a pauta alimentar está no centro do repertório de ação. A partir da alimentação, o MAV procura estabelecer conexões e distanciamentos de outros movimentos sociais. Chama atenção, por exemplo, o destaque conferido à alimentação de qualidade, acessível e socialmente justa (Quadro 1). O fortalecimento de um veganismo popular e protagonizado por pessoas negras é, ao mesmo tempo, uma distinção e um ponto de intersecção entre o movimento antirracista e o veganismo. Nesse sentido, é interessante observar o vínculo entre a alimentação vegana e uma compreensão específica de saúde herdada das tradições e saberes dos povos de matriz africana. A saúde holística africana é um tema que vem ganhando espaço dentro do movimento afrovegano. Ela destaca como os saberes tradicionais e medicinais desses povos são desacreditados, rejeitados e considerados ilegais nas sociedades, sobretudo ocidentais (Terry, 2014).

Os vídeos e *lives* compartilhados pelos ativistas seguem quase a mesma lógica das postagens. A diferença está no fornecimento de informações mais intimistas sobre práticas veganas

(vivência diária, higiene, preparação de alimentos, análise de rótulos de embalagens etc.). Há também neste caso a socialização de informações sobre o tempo de veganismo e como ocorreu a "transição", tema que geralmente implica na demonstração de técnicas de plantio, preparação de alimentos, e recomendação de produtos, filmes ou livros. Essas ações estão intrinsecamente ligadas com os interesses de usuários da plataforma, que buscam exemplos de sucesso para construir suas trajetórias de transição (Boyd, 2010; Rainie e Wellmann, 2012; Scott, 2020).

Sobre o que pode ser entendido como a "arquitetura" dos perfis analisados, ainda que limitados pelo acesso desigual à internet, percebe-se a crescente profissionalização das publicações. É comum entre os perfis a divulgação de pratos cotidianos de forma amadora nos *stories*, geralmente a partir de imagens produzidas em locais improvisados e sem iluminação adequada. No entanto, ao se tratar de *feed*, as imagens geralmente são em alta resolução, em lugares estratégicos, com empratamentos⁸ notórios, aplicação de filtros e descrições detalhadas das receitas. Em uma *live*, um dos ativistas explicou sua ausência nas publicações justamente em virtude da baixa qualidade e instabilidade do seu acesso à internet. A preocupação com essas performances reflete a importância que elas têm assumido na construção dos perfis identitários e nas estratégias de engajamento político (Baker e Walsh, 2020; Rowe e Grady, 2020).

5. Antirracismo e antiespecismo no Movimento Afro Vegano

Como demonstram vários estudos, os veganismos têm expressado uma alternativa de alimentação e, mais amplamente, de estilo de vida para pessoas com maior poder aquisitivo e nível edu-

Quadro 1 – Síntese da análise de conteúdo dos perfis estudados

Dimensões analisadas	Descrição dos itens observados
Pautas defendidas	Acesso a alimentação de qualidade; veganismo popular protagonizado por corpos negros; veganismo e periferia; coronavírus e veganismos; ação coletiva/humanitária em tempos de pandemia; feminismo negro; feminismo; racismos; LGBTQI+; especismo.
Conteúdo das postagens	Ação coletiva e humanitária em tempos de pandemia; receitas e pratos veganos acessíveis; luta antirracista; religiões de matriz africana; recomendação de produtos; recomendação de leituras; racismo ambiental, sustentabilidade.
Conteúdo dos vídeos e lives	Ação humanitária em tempos de pandemia; receitas e pratos veganos acessíveis; luta antirracista; religiões de matriz africana; Tempo de veganismo; acesso a alimentos de qualidade; produtos veganos; técnicas de plantio sustentável; racismo ambiental e sua correlação com o nutrocídio.

Fonte: elaboração dos autores.

⁸ Empratamento é a forma de organização dos alimentos em pratos ou travessas, se configurando em um tipo de decoração. Na gastronomia, sobretudo profissional, essa técnica é bastante utilizada.

cacional formal, o que, no Brasil e alhures, geralmente implica no privilégio a pessoas brancas (Cherry, 2006; Greenebaum, 2018). O estrato abaixo reproduz uma parte do texto que marcou o lançamento do MAV na rede social Instagram, em 24 de outubro de 2018. Como pode ser depreendido, o discurso destaca essas diferenças raciais e socioeconômicas no interior do movimento vegano.

Em diversos espaços e movimentos sociais existe racismo. Dentro do movimento vegano não seria diferente. Após um ato racista de uma loja vegana em São Paulo, resolvemos nos articular e criar um movimento que representasse a nós, negros veganos. Veganismo é uma forma de viver que busca excluir, na medida do possível e do praticável, todas as formas de exploração e de crueldade contra animais, seja para a alimentação, para o vestuário ou para qualquer outra finalidade. E o Movimento Afro Vegano é um grupo que considera o recorte racial e social na luta do veganismo. Vivemos em um país fruto da violência racial. Negros e índios foram desrespeitados, escravizados, açoitados, assassinados, dizimados, desde o início. O branco europeu sempre esteve na posição mais privilegiada em nosso país. Todos que somos descendentes levamos a herança dessa dinâmica. Além do fato de que grande parte da camada pobre e carente do país ser negra (além daqueles que se consideram pardos e até mesmo o termo racista "mulatos"), está ligado obviamente ao passado de escravização e inferiorização racial. Nossa luta é mostrar aos nossos pares negros as vantagens de uma alimentação baseada em plantas, sobre a saúde do povo preto, do sentimento de compaixão pela vida animal não humana e humana igualmente, do menor impacto ambiental de uma vida vegana que favorece as gerações futuras. Mas, para que consigamos atingir o maior número de pessoas por esse ideal, precisamos ser empáticos, precisamos chegar nelas sem violência, sem superioridade. Propomos troca de ideias, não agressão e acusações. Ainda não chegamos em uma sociedade igualitária. Não é porque você não se considera racista que você não está sujeito a práticas racistas ou que você pode achar que não existe racismo no Brasil, porque ele existe, é estrutural e estruturante. Então acreditamos que qualquer movimento DEVE levar em consideração raça e classe social em suas discussões, se querem ter uma maior projeção sobre sua causa. Não adianta dialogar apenas com o seu círculo de pessoas privilegiadas; as estratégias precisam ser revistas e precisam incluir todos. Nós somos o MAV, existimos e resistimos. Pela liberdade animal e humana (Perfil do MAV, publicação no Instagram).

Em inúmeras postagens analisadas sobressaem os impactos das desigualdades de renda e acesso aos alimentos para a transição das pessoas negras ao veganismo. Exemplo disso é a pergunta que uma nova seguidora interessada em uma alternativa de "leite vegano acessível" enviou a uma importante ativista digital do MAV: "Oiii sou nova por aqui e te pergunto, fazer o leite de coco com coco ralado pronto dá na mesma? Onde eu moro é difícil encontrar coco em natura".

Essa pergunta também exemplifica o foco prioritário das mensagens veiculadas pelo MAV nas redes sociais. Dentre as 14 temáticas codificadas, as discussões vinculadas à promoção de receitas veganas acessíveis foram as mais evidentes em todos os perfis estudados, seguidas por temas tais como: receitas veganas, pratos veganos acessíveis e alimentação ancestral (Figura 4).⁹ Com menor frequência apareceram as seguintes temáticas: eventos afro veganos, recomendação de leituras, recomendação de produtos, sustentabilidade, ação humanitária em tempos de pandemia, luta antirracista, técnicas de plantio, racismo ambiental e religiões de matriz africana (Figura 3).

Por se configurar em uma temática sensível, geradora de polêmicas e conflitos entre os usuários, os assuntos relacionados às religiões de matriz africana foram pouco mobilizados nos perfis analisados. Essa temática é constantemente acionada nos *stories* dos ativistas, uma vez que esse mecanismo, diferentemente dos *feeds*, limita a exposição e a possibilidade de discussão entre os usuários. Assim, conforme é evidenciado em um dos *stories*:

Hoje a maioria dos veganos que acompanho aqui nas redes são pretos e/ou de periferia. Ser uma pessoa negra dentro do movimento vegano me ensinou que não preciso me desgastar em debates sobre religiões de matriz africana com pessoas que são visivelmente racistas, que acham que umbanda e candomblé matam cachorros e gatos e os jogam nas encruzilhadas (Story do perfil G no Instagram).

Por um lado, a ausência dessa discussão nos *feeds* sugere uma preocupação em não desviar a discussão do foco central adotado pelo movimento no ativismo digital. Ademais, alguns ativistas sugerem que a discussão sobre religiões de matriz africana é exaustiva, sendo difícil de ser realizada na internet, de modo que deveria ser deixada para os encontros presenciais. Por outro lado, pode-se depreender daí a existência de uma estratégia deliberada de ação política que efetivamente prioriza a problematização de práticas e rotinas alimentares em detrimento de outros temas.

As manifestações nos *feeds* são direcionadas para as práticas que contribuem para a obtenção de alimentos práticos, justos, sustentáveis, saudáveis e acessíveis às populações, em particular às pessoas negras por meio do resgate da ancestralidade que circunda a alimentação. Essa proposta de um veganismo acessível sugere a persistência de inúmeras diferenças e uma luta ativa de determinados grupos para tornar o veganismo mais próximo às suas realidades socioculturais e econômicas. Como é possível depreender do estrato abaixo, as estratégias de produção de alimentos de forma autônoma, sustentável e desvinculada das indústrias têm sido recorrentes entre os ativistas do MAV.

Um dos principais motivos das pessoas acharem que ser vegano é caro, são os preços dos industrializados. Quando alguém

⁹ As publicações consideradas pessoais por representarem a vida cotidiana dos indivíduos (*Selves*, viagens, trabalho, dentre outros) foram registradas como a categoria outros.



Figura 3: Nuvem de palavras com as temáticas mais citadas pelos perfis.

Figure 3: Word cloud with the themes most cited by profiles.

Fonte: Elaboração dos autores. Source: Prepared by the authors.

vê uma caixa de leite vegetal de 18 reais com o selo vegano, elas acham que é isso que você vai precisar comprar. Que agora, você vai substituir todos os industrializados com derivados de animais, por veganos que são absurdamente mais caros. Eu sempre faço meus leites vegetais, prefiro o de coco ou amendoim. São deliciosos, muito mais baratos, não tem conservantes, eu não gasto mais de 20 minutos pra bater e coar, além de ser menos uma embalagem indo pro mundo. Esse leite é de coco, tem receita dele no IGTv.

#vegan #foodvegan #veganismosocial #igvegan #veganae-semgrana #veganpower #veganismobarato #veggie #vegana-preta #veganismo #vegana #pobreevegana #govegan #vegetariana #semanasemcarne #pobreevegan #vegetarian #hamburgervegan #comidavegana #veganismosimples #foodporn (Post do perfil A no Instagram).

A publicação dessa ativista reforça o que tem sido considerado como uma das problemáticas centrais do estilo de vida vegano – o alto valor dos produtos direcionados para este público. Em face disso, são recorrentes as postagens que buscam promover a popularização do veganismo e um acesso mais justo e adequado às realidades socioeconômicas dos indivíduos. É nessa perspectiva que a noção de desigualdade social tem sido relacionada aos veganismos, buscando problematizar o acesso igualitário das pessoas a alimentos sustentáveis e saudáveis.

Por conseguinte, os resultados apresentados por Greenbaum (2018), segundo os quais o veganismo seria um movimento social cada vez mais inclusivo e democrático, sugerindo um processo passivo de 'desetigmatização', parecem não se adequar à realidade brasileira. A existência de esforços para integrar diferentes formas de vivência do veganismo, as quais estão ligadas à luta contra a opressão dos animais humanos e não humanos, não elimina os fortes tensionamentos

que envolvem a desigualdade racial no acesso aos alimentos. Segundo o MAV, para que exista a defesa dos animais não humanos, é necessário que haja a defesa dos animais humanos, garantindo sua existência e possibilidade de luta ou empatia pelos outros seres vivos. Isso não pressupõe a sobreposição de pautas, mas revela a existência de outras condições essenciais que estão intrinsecamente interligadas com o veganismo a partir da perspectiva da negritude.

Disconzi e Silva (2020) destacam a articulação das pautas antiespecista e antirracista, anunciando uma possível "emancipação em conjunto" como forma de "superação do paradigma racional dominante". Entretanto, isso pode estabelecer uma analogia inadequada entre os humanos negros e os animais não humanos. Como se pode notar nos estratos abaixo, para algumas pessoas a comparação entre as pautas do antirracismo e antiespecismo implica na diminuição das pessoas negras e reforça a prática racista com a qual elas lidam cotidianamente. Em outras palavras, essa equiparação legitimaria, mesmo que sutilmente, a inferiorização das pessoas negras, jogando para segundo plano as diferenças entre antiespecismo e antirracismo, e acirrando o debate dentro do próprio veganismo.

A controvérsia sobre a hierarquização de pautas dentro dos veganismos tem estimulado debates nas redes sociais entre os movimentos veganos. Por um lado, conforme aponta o relato abaixo do perfil D, existem movimentos sociais que associam as pautas do antirracismo e antiespecismo nos seus ativismos, estimulando a reflexão integrada como demarcação de espaços e diferenças. Tais manifestações buscam a ampliação das lutas sociais e a popularização dos veganismos, haja vista que o enfoque apenas na defesa apenas dos animais não humanos tenderia a ampliar a exclusão social entre os animais humanos.

[...] Entrei em boa parte dos grupos veganos e vegetarianos do facebook e fui me informando por lá e com pesquisas no Google. Só que não sou "apenas" uma pessoa vegana, também sou uma pessoa negra que vive numa sociedade racista em que muitos brancos são racistas o tempo todo, querendo ou não, percebendo ou não. Com o tempo acompanhei nesses grupos debates sobre religiões de matriz africana que, muitas vezes, por parte de alguns integrantes, estava mais para destilação de racismo e intolerância religiosa do que debates de fato. Então senti a necessidade de encontrar pessoas como eu, veganos pretos. Felizmente os encontrei. [...] Me ensinou que muitas pessoas como eu querem parar de colaborar com a exploração animal e destruição do planeta e que elas precisam que eu, assim como os veganos pretos fizera comigo, mostre que não é preciso ter a vida do vegano rico e branco para ser vegano. Me ensinou que diferente do que eu falava quando comia carne, "meus ancestrais não inventaram a caça para eu comer alface", os meus ancestrais na verdade cuidavam da terra e dela tiravam seus alimentos, tinham dietas em que as plantas eram uma parte essencial. Me mostrou que se eu quero ensinar que o veganismo pode ser acessível e é uma forma de lutar contra o sistema não posso ensiná-lo da mesma maneira para pessoas que vivem realidades muito diferentes. Que os devidos recortes precisam ser feitos em respeito à história das pessoas e de seus ancestrais.

(Continuação do perfil D nos comentários) Me ensinou que eu não preciso usar e indicar produtos veganos caros, que falar sobre a feira de bairro e a hora da xepa é muito mais útil e necessário para pessoas como eu. Me ensinou que, como meus ancestrais, eu posso e devo me relacionar melhor com a natureza e respeitá-la. Me mostrou o que eu já sabia, que nas redes sociais, na faculdade, no estágio, em eventos veganos ou em qualquer outro lugar, antes de qualquer coisa, sou uma pessoa negra. É assim que me veem, é a primeira leitura que fazem de mim, mesmo antes de eu nascer minha existência é moldada com base nisso então eu devo agir de acordo, buscando informações que são importantes para os meus (Post do perfil D no Instagram).

Por outro lado, existem manifestações que contrapõem essa visão de integração das lutas veganas, afirmando que tais posicionamentos tendem a colaborar para a hierarquização das espécies, na qual geralmente os animais não humanos tendem a ocupar os lugares secundários e permanecem no sistema de opressão e inferioridade. O acirramento desse debate sobre raça e veganismo pode ser exemplificado com uma publicação no Instagram de um movimento vegano, segundo a qual a escravidão humana é comparável à escravidão negra.¹⁰ O vídeo que

acompanha a publicação sugere que a abolição animal deve seguir os princípios éticos adotados na abolição humana, uma vez que se trata da mesma condição de exclusão. Na postagem, as opressões vividas pelas pessoas negras que foram escravizadas são comparadas às opressões vividas pelos animais não humanos que sofrem opressões pelos humanos.

6. Considerações finais

À medida que cresce o interesse sobre o veganismo começam a se tornar mais frequentes os debates sobre como esse fenômeno pode perpetuar o racismo, a exclusão e o nutrídio da população negra¹¹. Com vistas a denunciar e construir alternativas a esse problema, ativistas do afroveganismo têm utilizado as mídias sociais para performances políticas que mesclam os universos íntimos e públicos, o cotidiano alimentar da mesa da cozinha com campanhas coletivas contra a exploração dos animais humanos e não humanos. Neste artigo analisamos como os discursos de um desses movimentos conjugam as lutas antirracista e antiespecista.

O Movimento Afro Vegano (MAV) compreende que, mais do que um estilo de vida, o afroveganismo precisa se estabelecer como uma alternativa vegana popular. Ou seja, incorporando uma dimensão de justiça alimentar. Para tanto, seus ativistas se empenham em problematizar as práticas alimentares veganas a partir de um olhar para múltiplas desigualdades sociais. Ao fazê-lo, não apenas expõem e criticam um universo elitizado de consumo como também a reprodução de práticas racistas no seu interior. Assim, ao mesmo tempo em que buscam oferecer alternativas de alimentação vegana acessível às pessoas negras, procuram reafirmar a ancestralidade africana como um caminho de reconexão dos povos negros às suas origens, o que também implica na adequação das práticas e rotinas alimentares a repertórios culturais específicos.

Até o momento, dois caminhos têm sobressaído na discussão sobre a promoção de veganismos mais igualitários e centrados no fim da opressão de animais humanos e não humanos. O primeiro está ancorado na compreensão de que as desigualdades entre humanos, incluindo o racismo, são subjacentes a uma problemática supostamente "mais ampla", qual seja a exploração de uma espécie por outra. Já o segundo caminho, trilhado pelo MAV, sugere que, apesar das suas intersecções, especismo e racismo devem ser tratados como pautas articuladas, mas diferenciadas e sem uma hierarquia predeterminada. Isso porque a

¹⁰ O título da postagem é "Como a escravidão animal é comparável à escravidão negra". Tradução de seu original em inglês: "How Animal Slavery Is Comparable To Black Slavery".

¹¹ Para Afrika (2004; 2013), o conceito de nutrídio pode ser relacionado ao genocídio alimentar dos povos negros. O termo vem sendo utilizado para caracterizar o processo de desnutrição vivido pelas pessoas negras mais pobres, resultante do processo de exclusão social atrelada à condição alimentar dessas pessoas. É nessa perspectiva que a noção de insegurança alimentar apresenta intersecção com justiça alimentar, buscando problematizar a partir dos ativismos alimentares, a qualidade dos alimentos e seus acessos, já que a desigualdade social alimentar tem afetado de maneira particular, as pessoas negras e marginalizadas (Santos et al., 2020). Para o Movimento Afro Vegano, nutrídio tem se configurado em uma temática urgente na articulação social que lida com as questões alimentares, possibilitando que outras temáticas sejam mobilizadas.

suposição de que a luta antirracista é subjacente à luta antiespecista frequentemente implica na perpetuação da exploração entre os animais humanos.

Referências

- AFRIKA, L. 2004. *African Holistic Health*. EWorld Inc.; Revised, Expanded ed. edition.
- _____. 2013. *Nutritional Destruction of Black People*: Nutricide. Pennsylvania: EWorld.
- ALCANTARA, L. M. de. 2016. Ciberativismo e a dimensão comunicativa dos movimentos sociais: repertórios, organização e difusão. Florianópolis, *Política & Sociedade*, v. 15, n. 34, set./dez.
DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15n34p315>
- ARANGO, E. A. 2013. Racismo y discurso en la era digital: el caso de la revista *Hola* y los discursos en las redes sociales. *Discursos & Sociedad*, v. 7, n. 4, p. 617-642.
- ARAÚJO, R. F. D.; JÚNIOR, J. F. D. S. 2020. Blackfishing e a transformação transracional monetizada. In: SILVA, T. (Org.). *Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais*: Olhares afrodispóricos. São Paulo: LiteraRua, p. 111-126.
- BAKER, A. S.; WALSH, M. J. 2020. You are what you Instagram: clean eating and the symbolic representation of food. In: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge.
- BENNETT, W. L. 2012. The Personalization of Politics: Political Identity, Social Media, and Changing Patterns of Participation. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 644: p. 20-39.
- BENNETT, W.; SEGERBERG, A. 2012. The logic of connective action. *Information, Communication & Society*, v. 15, n. 5, p. 739-768.
DOI: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.670661>
- BOYD, D. M. 2010. Social network sites as network publics: affordances, dynamics, and implications. *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites* (ed. ZiziPapacharissi), p. 39-58.
- BOZTEPE, S.; BERG, M. 2020. Connected eating: servitising the human body through digital food technologies. In: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge.
- BORGES, P. 2013. *Cara de pele, efeito de pele*: uma etnografia do debate sobre o uso de peles de animais nas indústrias do vestuário e da moda a partir da campanha boicote Arezzo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BRAUN, V.; CARRUTHERS, S. 2020. Working at self and wellness: a critical analysis of vegan vlogs. In: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge.
- BRUERS, S. 2015. The Core Argument for Veganism. *Philosophia*, v. 43, p. 271-290. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11406-015-9595-5>
- CARDOSO, G. 2007. *A mídia na sociedade em rede*: filtros, vitrines, notícias. Rio de Janeiro. FGV Editora.
- CASTELLS, M. 2002. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz Terra (A era da informação: economia, sociedade e cultura), v. 1, ed. 6.
- _____. 2013. *Redes de indignação e esperança*: movimentos sociais na era da internet. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- CHARAUDEAU, P. 2006. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto.
- CHERRY, E. 2006. Veganism as a Cultural Movement: A Relational Approach. *Social Movement Studies*, Vol. 5, No. 2, 155-170, Routledge, September.
- _____. 2014. I Was a Teenage Vegan: Motivation and Maintenance of Lifestyle Movements. *Sociological Inquiry*, Vol. xx, No. x, p. 1-20.
- COLE, M.; MORGAN, K. 2011. Vegaphobia: derogatory discourses of veganism and the reproduction of speciesism in UK national newspapers. *Sociology*, v. 62, p. 134-153.
DOI: <https://doi.org/10.1111/J.1468-4446.2010.01348.X>
- COLOMÉ, F. D. L. 2014. *Consumo, política e engajamento*: uma análise sociológica do consumo contestatório vegano no Brasil e Canadá. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- DANIELS, J. 2009. *Cyber Racism: White Supremacy Online and the New Attack on Civil Rights*. Lanham, Maryland: Rowan & Littlefield Publishers, Inc.
- _____. 2013. Race and racism in Internet Studies: A review and critique. *New Media & Society*, v. 15, n. 5, p. 695-719.
DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444812462849>
- DIAS, C. 2018. *Análise do Discurso Digital*: Sujeito, Espaço, Memória e Arquivo. São Paulo: Pontes.
- DISCONZI, N. T.; SILVA, F. D. S. R. 2020. Movimento afrovegano e interseccionalidade: diálogos possíveis entre o movimento animalista e o movimento negro. Salvador: *Revista Brasileira de Direito Animal*, v. 15, n. 01, p. 90-108, jan./abr.
- DOYLE, J. 2016. Celebrity vegans and the lifestyling of ethical consumption. *Environmental Communication*, v. 10, n. 6, p. 777-790.
DOI: <https://doi.org/10.1080/17524032.2016.1205643>
- EARL, J.; KIMPORT, K.; PRIETO, G.; RUSH, C.; REYNOSO, K. 2010. Changing the world one webpage at a time: conceptualizing and explaining internet activism. *Mobilization: An International Journal*, v. 15, n. 4, p. 425-446.
- FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing Discourse*. New York: Routledge.
- FRANÇA, V.; FILHO, J. F.; LANA, L.; SIMÕES, P. 2014. (Org.). *Celebridades no Século XXI*: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina.
- FELDMAN, Z.; GOODMAN MK. 2021. Digital food culture, power and everyday life. *European Journal of Cultural Studies*, v. 24, n. 6, p. 1227-1242. DOI: <https://doi.org/10.1177/13675494211055501>
- FUENTES, M.; FUENTES, C. 2021. Reconfiguring food materialities: plant-based food consumption practices in antagonistic landscapes. *Food, Culture & Society*. DOI: <https://doi.org/10.1080/15528014.2021.1903716>
- GARRETT, K. R. 2006. Protest in an Information: a review of literature on social movements and new ICTs. *Information, communication and society*, v. 9, n. 2, p. 202-224.
- GERBAUDO, P.; TRERÉ, E. 2015. In search of the "we" of social media activism: introduction to the special issue on social media and protest identities. *Information, communication & society*, v. 18, n. 8, p. 864-871.
- GREENEBAUM, J. 2018. Vegans of color: managing visible and invisible stigmas. *Food, Culture & Society*. New York: Routledge.
- GUERREIRO, G. 2016. Percepções do Atlântico – antropologia estética, produção de conhecimento e antirracismo. *Revista Observatório Itaú Cultural*, v. 21, p. 112-127.
- HAENFLER, R.; JOHNSON, B.; JONES, E. 2012. Lifestyle Movements: Exploring the Intersection of Lifestyle and Social Movements. *Social Movement Studies*, v. 11, n. 1, p. 1-20.
- HINE, C. 2015. *Ethnography for the internet*: embedded, embodied and everyday. London: Routledge.
- IBOPE. 2018. *Pesquisa de opinião pública sobre vegetarianismo*. Ibope, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.svb.org.br/images/Documentos/JOB_0416_VEGETARIANISMO.pdf>. Acesso online em 10 de setembro de 2020.
- KENT, R. 2020. Self-tracking and digital food cultures: surveillance and self-representation of the moral 'healthy' body. In: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge.
- KENNEDY, E. H. 2011. Rethinking Ecological Citizenship: The Role of

- Neighborhood Networks in Cultural Change. *Environmental Politics*, v. 20, n. 6, p. 843–60. DOI: <https://doi.org/10.1080/09644016.2011.617169>
- KOLKO, B. E.; NAKAMURA, L.; RODMAN, G. B. 2000. *Race in Cyberspace*. New York, NY: Routledge.
- LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. 2017. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. Niterói: *Revista Antropolítica*, v. 1, n. 42, p. 41–65.
- LÉVY, P. 1999. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.
- LUPTON, D. 2015. *Digital Sociology*. New York, Routledge.
- _____. 2020. Understanding digital food cultures. In: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge.
- LUPTON, D.; FELDMAN, Z. 2020. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge.
- MANN, A. 2020. Are you local? Digital inclusion in participatory foodscapes. In: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge.
- MILLER, D.; DON, S. 2000. *The internet: An ethnographic approach*. Oxford: Berg.
- MILLER, D. 2011. *Tales from Facebook*. Cambridge: Polity.
- _____. 2016. *How the world changed social media*. London: UCL Press.
- MISKOLCI, R. 2016. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 6, n. 2, p. 275–297. DOI: <http://dx.doi.org/10.4322/2316-1329.014>
- MISKOLCI, R.; BALIEIRO, F. D. F. 2018. Sociologia Digital: balanço provisorio e desafios. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 6, n. 12, p. 132–156. DOI: <https://doi.org/10.20336/rbs.237>
- NAKAMURA, L. 2010. Race and identity in digital media. In: CURRAN, J. (Org.). *Mass Media and Society*. New York: Bloomsbury Academic, p. 336–347.
- NASCIMENTO, L. F. 2016. A Sociologia Digital: um desafio para o século XXI. Porto Alegre: *Sociologias*, ano 18, nº. 41, p. 216–241, jan./abr.. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-01800411>
- NIEDERLE, P. A.; SCHUBERT, M. N. 2020. HOW does veganism contribute to shape sustainable food systems? Practices, meanings and identities of vegan restaurants in Porto Alegre, Brazil. *Journal of Rural Studies*, n. 78, p. 304–313.
- NOBLE, S. U. 2018. *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism*. New York, NY: New York University Press.
- ORTIZ, R. 2016. As celebridades como emblema sociológico. *Sociol. Antropol.* Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 669–697, dez.. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752016V635>
- PAVEAU, M.-A. 2021. *Análise do Discurso Digital*. São Paulo: Pontes.
- PEREIRA, M. M. 2014. *Enquadramentos interpretativos, lógicas de ação e dinâmicas interativas: dilemas em interações entre o movimento dos direitos dos animais e a grande mídia*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- PEREIRA, M.; KUNRATH, M. 2017. O dilema do enquadramento interpretativo: o caso das interações entre o movimento dos direitos animais e a grande mídia. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 1, p. 189–216. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3201009>
- RAINIE, L.; WELLMANN, B. 2012. *Networked: the new social operating system*. Cambridge: The MIT Press.
- RECUBER, T. 2017. Digital discourse analysis: Finding meaning in small online spaces. In J. Daniels, K. Gregory & Cottom, T.M. (Eds.). *Digital Sociologies*. Bristol: Polity Press, p. 47–60.
- ROJEK, C. 2008. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROSHANI, N. 2020. Discurso de ódio e ativismo digital antirracismo de jovens afrodescendentes no Brasil e Colômbia. In: SILVA, T. (Org.). *Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares afrodispóricos*. São Pulo: LiteraRua, p. 47–66.
- ROWE, P.; GRADY, E. 2020. I see your expertise and raise you mine: social media foodscapes and the rise of the celebrity chef. In: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge.
- RUSKOWSKI, B. D. O. 2018. *Ativismo tecnologicamente mediado: transformações do ativismo em plataformas de mídias sociais*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 194 f.
- SANTOS, G. P. D. 2020. *A nova celebridade e o processo de celebração de influenciadores digitais na mídia social Instagram: o caso Camila Coelho*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS.
- SANTOS, M. P. A. D.; NERY, J. S.; GOES, E. F.; SILVA, A. D.; SANTOS, A. B. S. D.; BATISTA, L. E.; ARAÚJO, E. M. D. 2020. População negra e covid-19: reflexos sobre racismo e saúde. São Paulo: *Revista de Estudos Avançados*, v. 34, n. 99, p. 225–243. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014>
- SILVA, T. 2020. Apresentação. In: SILVA, T. (Org.). *Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares afrodispóricos*. São Pulo: LiteraRua, p. 9–12.
- SKAGEBY, J. 2015. Interpreting online discussions: Connecting artifacts and experiences in user studies. *The Qualitative Report*, v. 20, n. 1, p. 115–129.
- SCOTT, E. 2020. Healthism and veganism: discursive constructions of food and health in an online vegan community. In: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge.
- SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. 2018. *Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil*. Disponível em: <<https://www.svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil>>. Acesso em 10 de setembro de 2020.
- SORDI, C. 2011. O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais. *Cadernos IHU Ideias*, ano 9, n. 147.
- TARROW, S. 2005. *The new transnational activism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TERRY, B. 2014. *Afro-vegan: Farm Fresh, African, Caribbean & Southern Flavors Remixed*. Berkeley, CA: Ten Speed Press.
- TRINDADE, L. V. P. 2018. *It is not that funny: Critical analysis of racial ideologies embedded in racialized humour discourses on social media in Brazil*. PhD Thesis, University of Southampton. Sociology.
- _____. 2020. Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil. In: SILVA, T. (Org.). *Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares afrodispóricos*. São Pulo: LiteraRua, p. 29–44. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3724168>

Submetido: 07/11/2020
Aceite: 18/01/2022